

a maldição das santas

série a maldição das santas, livro 1

Kate Dramis

Tradução de Luís Filipe Pontes



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

Para a Cassie e a Mollie, que leram todas
as versões que foram feitas desta história.

Amo-vos daqui até à Lua, ida e volta.



Excerto do Conoscenza, do Livro de Exousia 23: 14–23

Mas, depois da guerra, os deuses foram misericordiosos. Em vez de bani-rem os Visya — os abençoados com fragmentos de poder divino em bruto —, eles limitaram as suas semelhanças, para que nenhum Visya se pudesse tornar tão poderoso que desafiasse os Divinos Nove outra vez. Esta foi a criação das três ordens:

A Ordem dos Corpsoma: poderes físicos

Zeluus: o poder da força

Anima: o poder da vida e da morte

A Ordem dos Dultra: poderes dos elementos

Incend: o poder do fogo

Caeli: o poder do ar

Terra: o poder da terra

Auqin: o poder da água

A Ordem dos Espri: poderes da mente, da emoção e das sensações

Sensainos: o poder das sensações e da emoção

Persi: o poder da persuasão

Saj: o poder do conhecimento

Que nunca esqueçamos a graça dos deuses nem Santa Evie, que sacrificou a sua vida de maneira altruísta pela salvação do reino.

Acarinhamos o equilíbrio que os Divinos ordenaram.

Rejeitamos a escuridão de acordo com a fúria dos deuses.

Honramos o sacrifício que manteve a vida no nosso reino, para que possamos um dia encontrar verdadeira vida no Além.

PRIMEIRA PARTE

Os predadores e a presa



1



Com o sangue que tinha nas mãos, e cerveja a escorrer pela capa, a noite começava bastante mal. — Cabra! — rosnou o homem, agarrando o nariz. O sangue que escorregava por entre os seus dedos juntou-se à cerveja que pingava do balcão, espalhada junto à caneca partida.

Aya limitou-se a passar as palmas das mãos pelo couro das suas calças, franzindo vincadamente o sobrolho ao vê-las ficar manchadas de vermelho.

Tova nunca iria deixar de falar sobre isto. A amiga comentava sempre sobre a sua capacidade em voltar para os Aposentos coberta pelos fluidos corporais de alguém e a cheirar como se tivesse tomado banho numa gamela de porcos. Mas nunca ficava surpreendida. Aya, a Terceira da Rainha, já tinha seguramente visto a sua quota-parte de sangue. «Os Olhos da Rainha», era como lhe chamavam. A mestre-espia de Gianna.

— Toca-me outra vez e parto-te uma coisa que estimas ainda mais — sussurrou Aya ao homem. Ela não era estranha à desordem daquela zona, tendo seguido esses homens três vezes para aquele sítio, só nas últimas duas semanas. Mas o cliente bêbedo e de mãos atrevidas tinha rompido a rédea curta com que ela refreava o temperamento.

Ninguém tinha sequer piscado um olho quando ela o atingiu. O Bairro Imundo atraía o pior em Dunmeaden e nos seus visitantes — apostadores, arruaceiros e ladrões. Aparentemente, Aya integrava-se bem.

O homem fugiu, furioso e ainda a praguejar, e Aya lançou ao taberneiro um sorriso tímido. Ele tinha estado a olhar para ela toda a noite — na verdade, *todas* as noites em que ela tinha aí estado. Agora aproximava-se dela, com a sua larga silhueta a esconder a pouca luz que estremecia por trás do balcão.

— Boa forma — disse ele com um sorriso malicioso. Passou uma mão na sua cabeça calva, e os bíceps evidenciaram-se com o gesto. Todos os Zeluus — os abençoados com força superior — eram gigantes. E este tinha um ego a combinar.

— Mas vou ter de te cobrar pelo copo.

Aya desapertou a sua capa e atirou-a para o banco junto a si, enquanto encostava uma anca ao balcão.

— Talvez arranje outra maneira de te compensar.

Os olhos dele iluminaram-se com a sugestão, e apoiou os seus grossos antebraços no balcão.

— Também sei dar um soco, sabes? Já te contei de uma vez em que lutei com dois Anima só com as minhas mãos?

Ela já tinha ouvido a história duas vezes. Ele adorava gabar-se dos tempos em que fora um lutador de ringue. Na primeira vez que ele contara a história, Aya quase não conseguira evitar revirar os olhos. Os Anima usavam o seu poder de vida e de morte para atuarem principalmente como curandeiros, mas podiam ser letais. Bastava um simples toque e as pulsações de alguém cairiam em segundos. Nem um Zeluus como o taberneiro poderia lutar contra eles.

De qualquer maneira, ela tinha quase a certeza de que os Anima estavam proibidos de lutar no ringue.

Aya inclinou-se para se aproximar, fingindo mostrar um interesse admirador quando ele começou o seu relato mais uma vez. Sorriu suavemente e enrolou o seu cabelo castanho-escuro num dedo, enquanto o taberneiro continuava a falar, gesticulando com entusiasmo.

Cuidadosamente, deixou o seu poder fluir dela.

Não havia escudo. Excelente.

— Como é que um lutador tão forte como tu acabou num sítio como este? — perguntou, enquanto bebia um gole de cerveja. O olhar dele seguiu a língua dela, ao lambear a espuma dos lábios.

— Não é tudo mau. Sou o chefe — respondeu, encolhendo os ombros. Aya arregalou os olhos de propósito.

— És *mesmo*? Então é para o teu gabinete que tu te esgueiras tantas vezes? — ela acenou com a cabeça para o corredor fechado à esquerda do balcão. Sabia muito bem que um pardieiro como aquele não tinha um gabinete. A mão dela dançou pelo espaço entre eles e os seus dedos desenharam o traçado da tatuagem dos Corpsoma no pulso dele: um círculo com uma linha no meio.

— Talvez pudéssemos ir para lá. Parece ter mais... privacidade.

O taberneiro abanou a cabeça.

— Não é o meu gabinete. — Fez uma pausa e olhou à volta. — Não devia dizer, mas...

Ela concentrou o seu poder com mais força, e o homem continuou, ignorando a forma como ela obtinha informação da sua mente e da sua boca.

— Dois homens têm vindo aqui desde há semanas. De Trahir, parece-me, por causa do sotaque. Não se preocupam em esconder as conversas deles de mim. Mas eu ouço. — Olhou novamente em redor antes de se inclinar mais, baixando o tom de voz até sussurrar. — Andam a comprar armas nas costas do Conselho. Estou a pensar em ganhar uma comissão em troca de não os denunciar.

— A sério? — sussurrou Aya. O Conselho Mercantil de Tala, como principal fornecedor de armas ao reino, tinha sido sempre zeloso na regulação do comércio de armas e na quantidade que vendiam aos outros reinos.

Pelos vistos, Trahir tinha-se fartado disso.

— Negociar por baixo da mesa não é fácil. Eu tenho influência. — O taberneiro sorriu. O seu olhar desceu pelo corpo dela, demorando-se no decote profundo da camisola preta de Aya. — Talvez compre algum do teu tempo. És demasiado bonita para trabalhar no Bairro Imundo.

Aya continuou a sorrir timidamente, quando ele se debruçou para ela e lhe segurou no queixo, com o polegar a acariciar-lhe uma face.

Repugnante. E repugnantemente fácil.

Os Persis não podiam manipular. Só podiam persuadir alguém a fazer o que estivessem dispostos a fazer. Mas essa disposição não tinha de ser forte — especialmente para uma Persi como Aya.

Ela inclinou-se mais, o suficiente para a sua respiração roçar nos lábios dele.

— Não me podes pagar.

Com a mão agarrou na sua caneca e partiu-a na cabeça dele, estilhaçando-a e fazendo o taberneiro cair como um pedregulho.

Aya rodopiou e bateu com o ombro no cliente junto dela, fazendo-o cair de frente para cima da mulher que ele tinha estado a seduzir. A mulher engasgou-se e arrancou-lhe um punhado de cabelo branco, ao empurrá-lo contra um cavalheiro corpulento que jogava bilhar atrás dela, e em seguida...

Um pandemónio.

AYA AGARROU UMA DAS BEBIDAS ABANDONADAS NO BALCÃO e engoliu-a de um trago antes de se dirigir ao corredor dos fundos. Tinha de ser rápida. A informação dada pelo taberneiro confirmara aquilo de que ela suspeitava há muito: a rainha tinha razão. Trahir estava a armazenar armas — e talvez mesmo a preparar-se para a guerra.

E, com aquele caos na taberna, ela só tinha alguns instantes até os negociantes escaparem.

Aya sentiu aquela boa e calma sensação a crescer dentro dela — aquilo que sentia quando o passo seguinte de uma missão se tornava claro. Deixou-a invadi-la até tudo estar silenciado, até as suas próprias veias serem como gelo, e deslizou por entre os clientes a lutar, evitando os golpes graças à sua pequena silhueta. Escondeu-se por baixo de uma cadeira que lhe fora arremessada à cabeça, sempre sem vacilar.

Quinze passos até à sala das traseiras.

Dez.

Cinco.

Os guardas finalmente repararam nela no meio da briga. Começaram a desembainhar as espadas, com avisos nos lábios. Mas não foram suficientemente rápidos para «os Olhos da Rainha». O punhal dela já estava liberto da bainha que trazia na coxa.

— Os Dyminara mandam cumprimentos.

Lançou-se ao primeiro guarda, enfiando o punhal no peito dele, por baixo do braço direito. Estava morto antes de cair no chão. Aya girou e a sua lâmina cortou a garganta do outro guarda. O sangue espirrou para a cara dela, mas não parou. Saltou por cima dos corpos caídos e correu para a porta à esquerda, abrindo-a com o ombro.

A sala era estreita e escura. A pequena mesa de madeira e as cadeiras tinham sido viradas para a saída, que dava para um beco. Aya empurrou caixas e caixotes ao correr para a porta, escorregando nas pedras da calçada gelada quando chegou à rua. Os dois homens já iam pela rua abaixo, afastando-se das docas.

Como se aquelas ruelas fossem mais seguras.

Idiotas.

Aquelas ruas eram um labirinto, cheias de contracurvas e becos sem saída. Fixou os olhos no casaco castanho ondulante do negociante mais próximo e ajustou a força que fazia no punhal, puxando o braço para trás, inspirando profundamente. A arma voou da sua mão e alojou-se no ombro do homem com um baque suave. Ele caiu, soltando um grito.

O seu colega olhou para trás, sentindo os pés a ficarem presos quando viu o sangue no rosto dela.

Aya lançou um punhal na direção da sua cabeça, passando a roçar-lhe uma orelha.

— O próximo entra no teu crânio — disse-lhe ela. — Só preciso de um

de vocês vivo. — Ele parou, levantando lentamente as mãos em sinal de rendição e caindo de joelhos.

— Decisão sensata.

Aya caminhou para junto do primeiro negociante no chão, cujos urros de dor ecoavam nos edifícios de tijolo ao longo da rua.

— Quietos! — ordenou, levantando-o do chão. — Como disse, só preciso de um de vós.

O homem gemia, mas cerrou os lábios, tremendo. Aya olhou em direção das docas. Não havia sinais de Ronan, o Guarda Real destacado para o beco.

Também faltava o fornecedor.

— Vocês deviam ser três — disse ela, fitando os negociantes. — Onde é que está o vosso fornecedor?

— Não há mais ninguém — disse o homem ajoelhado, abanando a cabeça.

Aya suspirou e tirou uma corda de onde a trazia junto a si. Arrastou à sua frente o negociante que apunhalara ao aproximar-se do seu companheiro, deixando-o só quando se baixou para amarrar as mãos do homem. Ele não iria a lado nenhum, com aquela lâmina espetada no ombro.

— Mintam-me quanto quiserem — sussurrou ela —, mas aviso-vos: o Justiceiro não acha graça a isso.

A garganta do homem mexeu-se quando engoliu em seco. Sim, o Segundo da Rainha tinha uma reputação que o precedia; até os conselheiros estrangeiros sabiam que não se devia brincar com ele.

Aya levantou-se, com as articulações rígidas e doridas com o frio. Tirou outro bocado de corda e amarróu os pulsos do segundo homem enquanto olhava para as docas novamente. Nem sinal de Ronan. Talvez tivesse ido atrás do fornecedor.

Resistiu à inquietação que lhe esvoaçava nas entranhas e procurou, em vez disso, invocar o seu poder.

— Imagino que vocês queiram viver — afirmou, inclinando a cabeça para avaliar os homens. Eles olharam um para o outro angustiados, antes de acenarem com a cabeça. Ela deixou o seu poder fluir, envolvendo essa vontade de sobrevivência.

— Então comecem a andar.

2



Vinte malditos minutos. Foi quanto demorou para levar os trémulos negociantes para o armazém abandonado nos arredores da Rouline, a zona de entretenimento que circundava o porto de Dunmeaden. Aya esperava encontrar aí Ronan com o fornecedor, mas quem achou foi Liam, um outro Persi nos Dyminara, que estava à espera conforme o combinado.

— O Ronan não veio? — murmurou ele ao fecharem a pesada porta de madeira atrás deles deixando lá dentro os negociantes amarrados a duas cadeiras.

— Não — disse Aya laconicamente. Esfregou as mãos uma na outra, desejando as luvas que não tinha conseguido encontrar no seu quarto.

Juro que se esta maldita noite não acaba depressa...

— Pensei que ele tinha ido atrás do fornecedor, mas se ainda não está aqui...

Liam suspirou. O luar claro lançava sombras na sua pele castanho-escura e no seu cabelo negro, rapado nos lados da cabeça e farto no topo. Passou uma mão pelo seu maxilar quadrado e sorriu ironicamente ao frio.

— Não seria a primeira vez que um Guarda Real estragava um trabalho — disse de maneira sombria.

A rainha insistira que os Dyminara trabalhassem com a Guarda, que estava encarregada da sua proteção diária e do policiamento da cidade. Mas ameaças mais substanciais eram apenas da responsabilidade dos Dyminara, a força Visya de elite da rainha, com guerreiros, estudiosos e espiões abençoados com fragmentos de poder dos Divinos Nove. Não havia ninguém melhor para essa tarefa. A clara divisão entre a Guarda e os Dyminara tinha causado bastante tensão. Mas nem mesmo a Guarda seria tola ao ponto de insistir nela. Os Dyminara eram letais.

Ao longe, os sinos do centro da cidade soaram. Uma hora depois da meia-noite. Aya endireitou-se, desencostando-se da porta.

— Eles dizem que não estava ninguém com eles; que não havia

fornecedor nenhum. Aperta com eles quanto a isto até que ele chegue — instruiu ela, apontando com a cabeça para o armazém. Liam iria começar o interrogatório, utilizando o seu poder de persuasão para conseguir toda a informação que pudesse até que o Justiceiro chegasse para fazer o trabalho duro. Se havia alguém que conseguisse revelar coisas escondidas, era o Segundo da Rainha.

— Que Saudra me guie — murmurou Liam, meio em despedida, meio em prece à sua deusa protetora. Aya acenou com a cabeça, em concordância.

A ajuda era muito bem-vinda.

O vento uivava quando Aya entrou no caminho de terra que a conduziria à cidade, com a cabeça curvada contra o frio. Quando o vento Ventaleh soltava a sua fúria contra a cadeia montanhosa de Mala, a sua mordida até congelava o granito. Dizia a lenda que o Ventaleh era um aviso dos deuses: apesar de os Visya possuírem fragmentos de poder, os Divinos tinham a capacidade de purificar o mundo. Quase o haviam feito antes, e fá-lo-iam novamente se os Visya se esquecessem do seu lugar.

Mas o único aviso que estava na cabeça de Aya era contra a queimadura do frio. Havia um motivo para o Conselho querer tanto manter contentes os criadores de ovelhas. Como os mercadores muitas vezes cantavam, para se ter sucesso em Dunmeaden tudo o que era preciso era lã e armas. A camisola dela tinha sido eficaz para atrair o taberneiro, mas podia pouco contra a temperatura gelada.

Devia ter agarrado na capa.

Aya apressou-se através do coração da Rouline, acelerando o passo à medida que se aproximava do piso de calçada que assinalava o fim do bairro de entretenimento e o começo do bairro mercantil. Quanto mais longe estivesse das docas fluviais, melhor. O rio Loraine, que corria das montanhas pelo meio da cidade e para o mar de Anath, trazia o vento da cadeia das Mala, com um frio insuportável.

Chegou por fim ao bairro dos mercadores, onde o único som que se ouvia era o lamento do vento, além do ranger das tabuletas de madeira penduradas à entrada das lojas e dos restaurantes. Meteu-se por uma rua lateral junto ao Éden, o melhor restaurante da cidade. A luz estremecia nas suas janelas de vitrais, espalhando pequenos pontos de cor pelo preto, cinzento e castanho da ruela. Se fechasse os olhos e acalmasse a respiração, ela quase poderia sentir o calor da lareira principal a escapar para a rua.

De vez em quando, sons de risos e música enchiam o ar quando a porta de mogno se abria e foliões saíam para a rua principal. Nem sequer um

deles olhou na direção dela. Duvidava que alguém reparasse que ela estava ali. Aya sabia como desaparecer nas sombras. A invisibilidade tinha-lhe servido desde há muito.

Quando os sinos da praça principal soaram as duas horas, um grupo numeroso e barulhento saiu do restaurante, gritando promessas de longa parceria e paz durante todos os seus dias.

Aya revirou os olhos, sabendo que no dia seguinte voltariam a discutir uns com os outros sobre tarifas e rotas comerciais e sobre tudo aquilo que lhes pudesse pôr mais dinheiro nos bolsos do que mereciam.

Imbecis. Todos eles.

O grupo despediu-se, a maioria regressando às suas propriedades e às estalagens douradas nos limites do bairro. Alguns seguiram para a Rouline, para continuar a sua noite de farra. Ficou apenas um: um homem jovem seguiu a passo vagaroso para o coração da cidade.

Aya manteve-se na sombra enquanto o seguia, ficando vários passos atrás para garantir que não estavam a ser seguidos. Ele era alto, com um pesado casaco de lã que não conseguia esconder a sua forte complexão física. Estava despenteado por causa do vento e a parte de trás do cabelo quase não tocava a gola do casaco.

Aya podia ver o à-vontade que ele irradiava à medida que caminhava pela rua principal a um ritmo descontraído, como se não tivesse qualquer preocupação no mundo.

Perigoso para um passeio sozinho a altas horas da noite...

Ela encurtou a distância entre eles, esperando até que ele virasse para um beco sinuoso, um atalho que iniciava a íngreme subida para os Aposentos, antes de aparecer silenciosamente ao lado dele.

Com um movimento rápido, ele imobilizou-a contra o muro de pedra com um braço, e com o outro encostou-lhe um punhal à garganta.

— É bom saber que estás atento — arquejou ela.

— Raios, Aya! — Will baixou o punhal, com os seus olhos cinzentos a faiscar de raiva e o rosto corado. — Tens sorte em não te ter matado.

— E tu tens sorte em eu não ter feito um favor a todos nós e apunhalar-te enquanto caminhavas para casa — disse ela.

Will apertou-a mais contra o muro e endureceu a sua expressão, mas parou quando o vento assobiou pelo beco, e torceu o nariz.

— Cheiras como se tivesses tomado um banho de cerveja e mijo.

— É *assim* que te consegues enfiar na cama de tantas senhoras?

— Queres descobrir? — disse ele lentamente, sorrindo maliciosamente

e aproximando-se mais, com os olhos fixos nela, por baixo das suas espessas pestanas.

— Preferia empalar-me no meu próprio punhal. — Aya empurrou-o com dureza.

Will agarrou na mão dela, vendo o sangue seco nos nós dos dedos e no seu rosto.

— Estou a ver que arranjaste confusão. Outra vez.

Num piscar de olhos, ela libertou-se dele, que caiu com um baque no chão quando ela o rasteirou.

— Toca-me outra vez e veremos se a tua cara sangra tanto como a dele.

O riso de Will era baixo e sombrio, mas ressoou pelos ásperos muros do beco.

— Como sempre, espantas-me com o teu encanto. Que os deuses ajudem quem te vir e pensar que és tão dócil como pareces — disse ele, pondo-se em pé. — Tens algo de útil para partilhar? Se sim, então despacha-te. Estou gelado e tenho, realmente, uma das tais camas quentes à minha espera. E tu precisas desesperadamente de um banho.

Aya reprimiu a resposta amarga que ameaçava soltar-se dos seus lábios. Podia atravessar uma luta de taberna de modo imperturbável, mas Will...

Will conseguia sempre mexer com ela; provocando-a até que a rédea que refreava o seu temperamento não só afrouxava como rompia.

O pai dele, Gale, era o primeiro Visya na história de Dunmeaden a sentar-se no Conselho Mercantil de Tala. Ajudou a consolidar o lugar de Tala no comércio, apesar de reinos como Trahir terem mais para oferecer com as suas ricas iguarias.

Isso não alterava o facto de ele e o seu filho serem dois dos maiores canalhas que ela alguma vez encontrara. Ela ressentia-se deles desde que Will chegara à sua porta, 13 anos antes, com a notícia de que a mãe dela tinha morrido numa das viagens de Gale.

Sem falar da altura em que ele quase tinha custado a Aya o seu lugar nos Dyminara.

Mas não estava errado quanto ao frio. Nem quanto ao banho. Já quanto a quem lhe estava a aquecer a cama... o azar era deles.

— Uma vez que és preciso no armazém, o teu prazer vai ter de esperar. Eles andam atrás de armas. Os compradores estão no armazém, mas o fornecedor escapou antes que eu chegasse à sala. Ronan não apareceu.

Will parou de se sacudir, com uma mão no cabelo.

— O que queres dizer com *não apareceu*? — rosnou.

Apesar daquilo que Ronan a tinha feito passar nessa noite, a sua frustração arrefeceu com o tom de voz ameaçador de Will. Nunca era bom ser um alvo da ira dele.

Quando eram mais novos e nada mais do que colegas de escola, tinha sido fácil esquecer que o poder de Sensainos de Will — a sua capacidade para sentir e manipular as emoções e sensações dos outros — abarcava o medo e o desespero, e até mesmo a dor. A sua beleza escondia-o bem. O seu cabelo negro era espesso e ondulado, a pele pálida tingida com azeitona dava-lhe um aspeto constantemente bronzeado. E com as suas características e as roupas perfeitamente ajustadas que ele usava, parecia completamente um jovem nobre. Todos tinham esperado que tomasse conta do império mercantil do pai.

Mas em vez disso, quando Will se juntou aos Dyminara, tornou-se evidente que o seu verdadeiro talento não estava somente em ser o superintendente da rainha no Conselho Mercantil de Tala, mas em ser o seu Justiceiro.

O Príncipe Negro de Dunmeaden.

Aqueles que o tinham visto a distribuir punições contavam histórias suficientes para inspirar uma ponta de medo que o acompanhava para todo o lado.

— O Ronan está provavelmente bêbedo nalguma taberna — murmurou finalmente Aya.

— Então falhaste — replicou lentamente Will. — Perdemos o fornecedor.

Aya ignorou a vontade de agarrar o seu punhal ao olhar para ele de cima.

— Talvez os tivesse alcançado se tu não insistisses que fizesse de teu mensageiro — silvou ela. Relatar-lhe aquilo que ela descobria como se fosse algum cãozinho de colo fazia-a querer bater nalguma coisa.

Will virou-se simplesmente para o caminho sinuoso que conduzia aos Aposentos, olhando para ela com expectativa. Ela arrastou os pés para se colocar ao lado dele e deixou o vento preencher o silêncio enquanto caminhavam. Tinha esperado que ele fosse diretamente para o armazém e a deixasse ir em paz para casa.

Casa. Por um instante, pensar no calor que a aguardava nos Aposentos — o pequeno palácio que era a casa dos Dyminara — foi suficiente para quase arrebatar um gemido dos seus lábios. Tinha o corpo dorido do frio e da contenda na taberna. Com um pouco de sorte, Elara teria guardado um pouco de *chaucholda* no salão de jantar. Era tradição que essa bebida

quente e doce fosse servida quando o Ventaleh começava a uivar. *Para manter os espíritos afastados e a vossa carne intacta*, diria a cozinheira-chefe das cozinhas reais, com os olhos postos nos picos das Malas. *O Ventaleh não faz vénias a ninguém, nem sequer aos Dyminara.*

— Talvez os nossos amigos do Ocidente sejam generosos com informação sobre o fornecedor e te possa poupar ao esforço de o encontrares — murmurou Will por fim, com os olhos fixos no caminho. Aya percebeu a ameaça nas suas palavras. — Como foi que conseguiste confirmar que eles estão a comprar armas?

Ela olhou para ele, mas o seu olhar, ainda fixo, era perspicaz e não condescendente.

— O taberneiro era o único que eles permitiam que fosse à sala dos fundos. Só foi preciso pô-lo com o pensamento certo e provocar uma diversão.

Will soltou uma gargalhada.

— Então iludiste-o com a tua beleza, persuadiste-o a vazar todos os seus segredos e depois destruístes-lhe a taberna. — Olhou para as roupas dela, manchadas de cerveja e de sangue. — Incrível.

— És insuportável.

— Já me disseram. O sentimento é recíproco, querida Aya.

Três anos de trabalho lado a lado na «Tríade» da rainha — as posições reservadas aos três Dyminara em quem a Coroa mais confia — não tinham sido suficientes para fazer desaparecer a amargura entre eles.

Ela ignorou-o, preferindo focar-se no palácio que se aproximava. Os Aposentos localizavam-se nas traseiras das Terras Reais da rainha, que ficavam aninhadas nas florestas, mais acima nas montanhas, sobre a cidade.

— Suponho que tenho de fazer uma visita ao Ronan depois de ter terminado com os negociantes — suspirou Will.

Aya levantou uma sobrancelha quando passaram pelos portões de ferro do palácio e entraram no caminho pedregoso, rodeado por altos pinheiros, que os conduziria aos Aposentos.

— Porque é que *não estás* a caminho do armazém?

Will sorriu.

— Já te disse, tenho uma cama para aquecer. — Riu da repugnância estampada na cara dela. — Deuses, esse *olhar*...! Tem calma, está bem? Quero mudar-me. — Apontou para o casaco trespassado e para as calças negras. — Detesto estes trajes nobres.

Ela pensou dizer-lhe que, de entre todas as coisas que ele poderia detestar sobre si próprio, as roupas eram com certeza as menos importantes.

Mas conteve-se ao passarem pelos estábulos, seguindo a curva até que o caminho abria para uma larga clareira, em cujo centro se localizavam os Aposentos.

Eram bastante mais pequenos do que o palácio da rainha, mas eram magníficos, com a sua fachada de pedra cinzenta, as janelas com vitrais cintilando com a luz que vinha de dentro.

Apressaram-se em passar pelo arco que separava a área dos Dyminara das terras da rainha e subiram o caminho sinuoso até às muralhas exteriores que cercavam os elaborados jardins. As rosas brancas de inverno só eram visíveis à luz das tochas que continuavam a arder, sem dúvida graças aos Incends, cuja chama podia combater o Ventaleh.

Empurraram as grandes portas de carvalho e entraram no salão principal. Apesar da sua grandeza, com as altas paredes de pedra a subirem até ao teto arqueado feito de madeira, era confortável. Acolhedor. Um precioso tapete carmesim cobria o centro do chão de pedra, onde estava uma longa mesa de madeira. À direita as desgastadas portas de madeira que abriam para o salão de refeições, e à esquerda uma enorme lareira, onde ainda tremeluziam algumas chamas.

Aya correu para a lareira, estendendo as mãos para as brasas, à procura de calor. Um olhar para a mesa fê-la franzir o sobrolho. A *chaucholda* tinha sido toda bebida.

— Há alguns mirones do Bairro Imundo com que tenhamos de nos preocupar? — perguntou Will quando se pôs ao lado dela.

Aya conteve-se de bufar, pensando no caos em que a taberna se transformara.

— Não. Se alguém *estivesse* mais atento pensaria provavelmente que era a guilda de Mathias a causar distúrbios.

Mathias mantinha um controlo férreo sobre o submundo de Dunmeaden. Os seus ladrões e assassinos destacavam-se. Era uma bênção a rainha não os ter removido da cidade. Eles tornavam mais fácil desviar um certo tipo de atenções da Coroa.

— E tratei dos guardas deles — acrescentou ela.

Estas palavras trouxeram com elas uma vaga de cansaço.

Aya não era estranha à violência. Os Visya eram chamados pelos deuses para proteger e servir o reino e os humanos que nele habitavam, e os Dyminara eram a manifestação mais verdadeira dessa vontade. Nem todos os Visya serviam dessa forma, mas Aya fora feita para isso, de várias maneiras. Mas não se deliciava com os momentos em que tinha de pôr fim a uma

vida. Ou talvez, simplesmente, não se importasse com as recordações que esses momentos evocavam.

O olhar de Will continuava fixo nas mãos dela, observando o sangue, tal como fizera no beco.

— Agiste em nome do nosso reino — disse por fim, calmamente.

Ela sentiu o poder dele a atuar sobre ela, sentindo a profundidade abaixo da superfície.

— Não preciso das tuas graças — murmurou —, por isso fica fora da minha cabeça.

Will levantou uma sobrancelha. — Estou apenas a pensar porque é que esse sobrolho carregado estraga um rosto adorável. Além disso... a tua culpa torna-te vulnerável. É quando a tua proteção fica mais fraca. Aprendi isso há muito tempo.

— A minha culpa quer dizer que não me tornei num monstro.

Mais uma mentira para a lista, sempre a aumentar.

Will eriçou-se e um músculo estremeceu na sua face.

— Como eu — concluiu friamente. — Se me queres insultar, Aya, pelo menos tem a cortesia de ir até ao fim.

Ela estava demasiadamente cansada para discutir com ele, e a exaustão sentiu-se ainda mais à medida que o calor do fogo se infiltrava nos seus ossos. Ela precisava de dormir, especialmente antes de se encontrar com a rainha.

— Encontramo-nos antes do amanhecer — sussurrou. — Tenta descobrir alguma coisa útil até lá. E está atento. Vais fazer com que te matem, a pavoneares-te pela rua dessa maneira.

Os olhos de Will reluziram à luz do fogo, as chamas iluminando os salpicos verdes espalhados pelo cinzento das íris. Ele inclinou a cabeça enquanto olhava para ela, e mechas do cabelo agitaram-se na sua testa com o movimento.

— Se eu não te conhecesse, querida Aya, diria que te importas mesmo.

— Não te lisonjeies — retorquiu ela. Quando muito, a existência de Will era um lembrete permanente dos títulos mercantis que ela tanto detestava. Mas mesmo Aya não podia negar que o poder e a astúcia dele seriam úteis se se viesse a verificar um conflito com Trahir. Tanto nas reuniões do conselho, como — que os deuses os livrassem — nos campos de batalha.

— É em Tala que estou a pensar. Se a situação piorar, não teremos tempo para te substituir.

— Sinto-me *honrado* por me teres em tanta consideração — respondeu Will, de forma jocosa, pondo uma mão no peito.

A raiva na cara dela era evidente quando se levantou e dirigiu para a escadaria, na parte mais distante do salão.

— Não te esqueças de tomar banho — atirou-lhe Will —, consigo cheirar-te daqui.

Ela apontou-lhe o dedo do meio por cima do ombro, as gargalhadas dele seguindo-a escada acima depois de o ter deixado no salão. Andava devagar ao arrastar-se para o seu quarto, e quanto mais tempo passava mais espesso ficava o sangue que cobria as suas mãos e o rosto.

Era uma honra servir os deuses e o reino, disse para si própria.

E, para alguém como ela, talvez fosse também uma penitência.

3



Aya gritava.
O som saía da sua garganta enquanto ela olhava pelo bordo da muralha. O corpo quebrado dele estava lá em baixo, e os seus gritos de dor cortavam o ar enquanto ele agarrava o braço despedaçado, o branco dos ossos expostos surgindo através da pele.

Ela não tinha feito de propósito.

Ela não tinha feito de propósito.

Ela não tinha feito de propósito.

Não importava. Porque era sangue, aquilo que fluía de Will, e encharcava a erva a uma velocidade alarmante.

Aya voou pelo caminho abaixo, tremendo enquanto corria em direção à base da muralha. Um par de braços agarrou-a pela cintura, apertando-a com tanta força que ficou sem ar nos pulmões ao ser puxada para trás. Um curandeiro de cabelo preto como um corvo, pele pálida e olhos azul-cobalto afastou Aya do corpo de Will, com uma expressão sombria.

O rosto de Will voltou-se para o lado, e os seus olhos cinzentos ficaram brancos quando encontraram os de Aya.

Ela gritou outra vez.

Aya lutou perante o aperto do curandeiro, tentando chegar-lhe, para provar que ele não estava morto, para provar que ela não era o monstro que temia ser.

Um clarão de luz ofuscante atravessou o céu e de repente ela estava livre das garras do curandeiro. Aya voltou-se a tempo de ver o corpo da mulher cair no chão com um baque horrível e definitivo. E então...

Escuridão.

AYA ACORDOU EM SOBRESSALTO, AGARRANDO INSTINTIVAMENTE na pequena adaga na sua mesinha de cabeceira feita de ferro.

Um sonho. Foi um sonho.

Mas o seu coração ainda batia acelerado, e suor frio encharcava o

algodão macio da camisa de noite que ela roubara no seu último encontro com Elias, um belo e jovem nobre da cidade. Ela examinou os quatro cantos do quarto, incapaz de se livrar da sensação de que alguma coisa estava nas sombras.

Os Phanmata, diria o seu pai na Língua Antiga, a língua dos deuses. *Os fantasmas permanentes dos teus pesadelos não podem fazer-te mal, «mi couera».*

Meu coração. Uma expressão que ele reservava para a mãe dela, até ela ter morrido.

Devagar, os ombros de Aya começaram a relaxar. Largou a arma quando se recostou novamente nos travesseiros, obrigando a respiração a desacelerar.

Tinha feito um ano desde que ela fora visitada pelo curandeiro no sono. O pesadelo começava sempre da mesma forma, com uma reminiscência que lhe revirava o estômago. E depois transformava-se em algo totalmente diferente.

A rainha a recusar-lhe um lugar nos Dyminara.

Will a matá-la por ela o ter persuadido a saltar.

Saudra, a deusa da persuasão, a retirar-lhe o seu poder.

Mas os piores eram os pesadelos como o dessa noite, onde Will não se levantava do chão e Aya tirava duas vidas em poucos minutos.

Fechou os olhos e respirou fundo mais uma vez, soltando-se dos dedos invisíveis do medo. Aya tinha trabalhado muito com Galda, a treinadora dos Dyminara, sobre como controlar o seu estado emocional. Começou quando tinha 8 anos — no próprio dia em que soube que a mãe tinha morrido.

A mãe dela, tal como a maioria dos Caeli, tinha nascido a ouvir os sussurros do vento. O pai de Aya costumava dizer que era por isso que ela precisava de viajar para os mercados — ela tinha de ir para onde o vento a chamasse, senão estaria a trair a sua própria alma. Mas Aya ouvira os seus pais discutir antes de a mãe partir para aquela viagem fatídica. Tinha ouvido o pai implorar para ela não ir com aquele tempo instável de outono, e tinha ouvido a mãe dizer que Gale não iria apenas reter-lhe o salário se não fosse, como queria ser reembolsado pelo trabalho perdido, e isso era algo que eles não poderiam pagar.

E ela ainda podia ouvir o modo como o mensageiro de Gale lia o nome de Eliza na lista de pessoas e bens perdidos no naufrágio... como se os objetos tivessem o mesmo valor que as vidas humanas.

Gale, o covarde, tinha enviado o filho para dar as notícias. Uma criança para fazer o trabalho de um adulto. E Will, um magricela de 10 anos naquela altura, tinha simplesmente olhado fixamente para Aya com a cabeça inclinada para um lado e o sobrolho franzido quando o pai dela desabou. Como se...

Como se ele pudesse sentir as coisas horríveis que ela dissera à sua mãe antes de Eliza partir. Como se ele estivesse a perguntar-se porque, com tanta culpa a arder dentro dela, não tinha ela desabado também.

Will perdeu a própria mãe alguns anos depois, e Aya questionou-se se lhe teriam dado a hipótese de se lamentar em sossego. Talvez os ricos tivessem direito a tal coisa.

Foi Galda quem encontrou Aya naquela noite na floresta, quando a dor de Aya invocara o seu poder com tanta força que a fez ficar inconsciente. E foi Galda quem lhe ofereceu a única coisa de que ela, mesmo aos 8 anos, precisava tão desesperadamente: controlo.

Mas se havia alguma coisa que o incidente na muralha tinha ensinado a Aya, era que o controlo não era constante.

Era necessário disciplina.

Foco.

Vigilância.

As qualidades que lhe tinham ensinado nos últimos 13 anos.

Porque ela não tinha feito de propósito. Não tinha pensado duas vezes nas palavras que atirara a Will naquele dia, na muralha, quando ele a provocara.

Odeias-me, isso é evidente. Mas acho que há mais alguma coisa, não há, querida Aya? Algo que preferes não explorar.

A mãe dela tinha sempre afirmado que mesmo que Hepha, a deusa patrona dos Incends, não tivesse abençoado Aya com a sua chama, tinha-lhe certamente conferido o seu orgulho.

Will irritara-a, provocara-a o suficiente para que ela explodisse. E quando o fez... destruiu tudo aquilo que não fosse uma profunda amargura e ódio entre eles.

Ela é muito perigosa.

Aya arrastara-se até casa do pai de Will naquela noite, para ver como é que ele estava; tinha esperado no corredor, ouvindo Will no seu quarto a discutir com Galda, apelando-lhe para retirar Aya do treino dos Dyminara antes que ela pudesse magoar mais alguém.

Disse-lhe que Aya podia tê-lo matado, e que não havia lugar nos Dyminara para alguém com tanta falta de controlo.

O sonho dela. A única oportunidade que tinha para garantir que o pai podia estar em sossego nos invernos frios e deixar de precisar de lutar para sobreviver. O único lugar onde ela podia fazer algum bem.

Ele ficava contente por destruir isso tudo.

Ela nunca lho perdoou.

Pela maneira como ele tinha tentado tirar-lhe o futuro, sim. Mas também pela maneira como ele a afetava. Pelo modo como ele despertava o formigueiro debaixo da sua pele, que ela tinha aprendido a refrear tão duramente; a falta de controlo que ela enterrara cada vez mais fundo ao longo dos anos, até se convencer de que o seu poder era para ser exercido só por ela.

Era como se a escuridão dele tivesse chamado a dela, e ela não tinha sido capaz de resistir a respondera-lhe.

E, por essa razão, ela odiava-o.

AYA FRANZIU A TESTA AO VER A PÁLIDA LUZ CINZENTA QUE ANUNCIAVA a chegada do amanhecer, que entrava pela arcada da sua janela. Seria impossível cair no sono outra vez. O seu olhar pousou no *Conoscenza* — o Livro dos Deuses — que estava na sua mesa de cabeceira. Com a gasta encadernação de couro, estava aberto na Oração da Certeza, dirigida a Sage, a deusa da sabedoria. Tinha encontrado conforto nos seus versos na noite anterior. A sua mente estava inquieta, pensando em cada pedaço de informação que ela descobrira sobre Trahir estar a encomendar armas nas costas do Conselho.

Antes que Aya pegasse no livro outra vez, a porta do quarto abriu-se e apareceu uma cabeça com cabelo loiro-claro. Tova sorria.

— Estás uma trampa — disse ela ao entrar no quarto, com duas canecas de *chaucholda* ainda fumegante nas mãos.

— Estou sempre a ouvir isso.

Aya olhou para o espelho ao fundo da cama. O cabelo castanho-escuro tinha-se soltado da sua longa trança, e cobria-lhe, desgrenhado, o rosto. Parecia mais pálida que o habitual: qualquer indício de calor que tivesse entrado na sua pele durante o verão, e alterasse a tez morena como a do seu pai, tinha desaparecido há muito tempo com os meses mais frios, e estava pior devido à noite agitada. As olheiras escuras salientavam o azul gelado dos seus olhos, que, como Will dissera uma vez, combinavam perfeitamente com a sua disposição.

Não se importava de dormir mais algumas horas. Mas pelo menos tinha lavado o sangue.

Tova deu-lhe uma caneca e caiu pesadamente na borda da cama, acendendo o fogo numa braseira do outro lado do quarto, com um movimento do pulso. Aya amava fortemente a sua amiga por mais motivos do que pudesse imaginar. Eram inseparáveis desde que podiam andar. E, durante o treino para entrar nos Dyminara, tornou-se claro que Tova era alguém que toda a gente gostaria de ter a lutar ao seu lado, não contra si. Não era à toa que ela era a general da rainha.

E se a sua lealdade e ferocidade eram algumas das características que Aya mais gostava, a capacidade de Tova para aquecer um quarto no inverno também era muito apreciada.

— Ouvi dizer que tiveste uma noite interessante — disse Tova com ar curioso enquanto bebia. A luz do fogo tremeluzia no seu rosto pálido, que tinha permanentemente um rubor rosado, como se o calor do seu fogo interior de Incend estivesse sempre logo abaixo da superfície. — É bom ver que lavaste a porcaria.

— As nossas suspeitas quanto a Trahir estar a violar os tratados de comércio confirmam-se e tudo aquilo de que ele fala é da bisbilhotice a respeito de uma briga de taberna. Patético. Mas quando foi que ele te contou?

— Esta manhã — respondeu ela, pondo o longo cabelo para trás dos ombros. Aya conseguia ver a tatuagem de um triângulo invertido a espreitar por trás da orelha de Tova, com três linhas horizontais que o dividiam em quatro partes. Enquanto alguns Visya tatuavam os símbolos da sua ordem neles próprios, outros honravam as suas de maneiras mais simples, como a mãe de Aya, que usara aquele mesmo triângulo invertido, a marca da Ordem dos Dultra, os manipuladores dos elementos, num fio de prata que nunca tirava. Agora estava algures no fundo do mar de Anath.

Quando Tova tinha levado Aya ao tatuador, três anos antes, Aya havia pensado tatuar dois círculos concêntricos no pulso, o símbolo dos Espri, os manipuladores da mente, das emoções e das sensações. Mas a cicatriz deixada na palma da mão esquerda pelo juramento de sangue aos Dyminara ainda ardia, e ela sentia uma vaga de orgulho sempre que olhava para ela.

Os Dyminara eram a sua nova ordem. A sua casa. Uma maneira de ela honrar aquilo que Saudra lhe tinha dado, fazendo exatamente aquilo que os deuses tinham decretado aos Visya: proteger o reino.

Não precisava de qualquer outra marca.

— Levantou-se cedo, à espera que Elara servisse a *chaucholda* — disse Tova. — Parecia tão cansado como tu. Como se tivesse passado a noite com alguém *especial*.

— Provavelmente fez uma visita à Marie para celebrar uma noite produtiva — murmurou Aya, imaginando a morena de rosto doce que ela vira a jantar com Will na semana anterior. — Que os deuses a ajudem.

Tova suspirou para a sua caneca de barro.

— Suponho que haja pessoas piores com quem ela pudesse passar a noite.

— Há?

Tova encolheu os ombros.

— A arrogância dele não esconde a beleza que tem. Não que isso o torne mais tolerável de cada vez que abre a boca. Se ao menos não fosse tão bom no trabalho dele, não tínhamos de o aturar. — Os seus grandes olhos cor de avelã brilharam, travessos, quando ela deu uma cotovelada em Aya, que olhou para o conteúdo da caneca de Tova cautelosamente. — E *tu*, recompensaste-te com uma brincadeira pela vitória?

Aya revirou os olhos. Tova sabia que Elias era demasiadamente respeitável para ir aos Aposentos a uma hora tão tardia. Ou cobarde. Porque tinha ele aceitado envolver-se com ela, era algo que Aya ignorava, especialmente sabendo que uma relação permanente entre eles era impossível. Elias precisaria de uma mulher nobre. E Aya...

De qualquer modo, ela aprendera há muito tempo que não se podia dar ao luxo de pensar nessas coisas.

Tova pousou a sua caneca na mesinha de cabeceira e pegou no *Conoscenza*, folheando páginas à toa antes de o atirar para a colcha branca. Aya mordeu uma bochecha por dentro. Tova era caos permanente, sempre a pegar em coisas e a deixá-las nos sítios errados. A amiga adorava perturbar o precioso equilíbrio que Aya mantinha na sua vida.

Aya amava a ordem. A estrutura. O controlo. Havia algo calmante em saber que as coisas estavam exatamente como as deixara; na previsibilidade de colocar algo de uma maneira e mantê-lo assim, independentemente de tudo o que se passava em redor dela.

— Tu alguma vez lês alguma coisa *boa*? — queixou-se Tova.

— Quando dizes *boa* referes-te àqueles romances horríveis de que não te fartas?

— Tu dizes que são horríveis, mas eu acho que são apaixonantes.

Aya sorriu com malícia. — General sanguinária de Tala durante o dia, romântica sem emenda à noite — concluiu.

Tova encolheu um ombro. — Não podemos todos ser sérios e estoicos permanentemente.

— Eu divirto-me — retorquiu Aya.

A amiga olhou para ela. — A tua ideia de diversão é esculpir um bloco de madeira. As lâminas já fazem parte das tuas mãos. E se experimentasses um passatempo que não envolva armas ou adoração?

Aya recostou-se nas almofadas, cruzando os braços. — Saí contigo há duas noites.

— Sim — suspirou Tova dramaticamente, agarrando a colcha —, e detestaste.

Ela não *detestara*. Tinham-se encontrado com alguns Anima que serviam nas forças da rainha. Tova ria facilmente com eles. Conhecia-os de uma maneira que Aya nunca conheceria nem se importava em conhecer. Para Aya, estar perto chegava. Nunca tinha sido vibrante; não era como Tova, cuja paixão ferosa atraía toda a gente. Tova era uma líder nata, e os guerreiros que comandava amavam-na e respeitavam-na profundamente. Aya preferia ficar nos limites, passando despercebida e invisível. O silêncio ficava-lhe muito bem.

— Então — começou Tova, fazendo-a sair dos seus pensamentos —, além de falar na iminente ruína de Trahir com Gianna, o que está na agenda para hoje?

— Os preparativos para a Aurora.

Tova resmungou e atirou-se para as almofadas. — Que Hepha me ajude. A minha mãe já está quase de certeza a ficar maluca. Lembras-te de quantas grinaldas tivemos de pendurar no ano passado? Os meus dedos ainda têm seiva.

O festival de inverno comemorava Santa Evie. O seu sacrifício, centenas de anos antes, na guerra, rasgou o véu posto entre o reino e o Além e chamou os deuses para abolirem o «Decachiré», o perigoso poder que tinha feito Visya ambiciosos tentarem ser deuses, ao pretenderem tornar ilimitado o seu poder.

Apesar de antes da guerra o poder dos Visya estar em bruto, capaz de ser moldado em qualquer um dos nove poderes em vez de ficar sempre ligado a um deles, ainda estava contido; colocado naquilo que era conhecido como o *poço*, a reserva de poder de alguém, que limitava a profundidade de até onde um Visya poderia ir antes de se consumir completamente.

Mas os praticantes do Decachiré testaram a profundidade das suas reservas de poder, avançando cada vez mais para se tornarem mais e mais poderosos. Não conheciam limites.

Não lhes chegava serem abençoados pelos deuses. Queriam *ser* deuses.

Alguns tentaram atribuir poderes aos humanos, acreditando que não havia maior prova de poder divino do que criarem eles mesmos um Visya. E usá-los pelo lado da sua causa na guerra.

Era uma prática perigosa à qual poucos sobreviveram.

O Decachiré quase destruiu o reino, pois os seus praticantes expandiram o seu poder obscuro com um objetivo: tornarem-se suficientemente poderosos para matar os deuses.

Mas Evie... salvara-os a todos.

A celebração da Aurora era daí a três dias e a cidade estava numa grande agitação. Eram penduradas grinaldas, acesas velas, e até os Athatis, os lobos sagrados que guardavam os Dyminara, festejavam, com uma caçada comemorativa.

— Vem antes comigo. Deixa as decorações para a Caleigh. — A irmã mais nova de Tova era muito melhor nisso. Sendo uma Terra, o seu poder telúrico tornava-a numa cultivadora natural, com uma paciência que Tova não tinha. — Vou fazer tartes com o meu pai.

Tova murmurou em concordância e deitou a cabeça no ombro de Aya. Esta deixou-se unir com a amiga, encontrando um raro momento de paz à medida que o aroma a canela vindo de Tova se enovelava em redor dela.

— Usas isso todas as noites? — sussurrou por fim Tova, olhando para a camisa de Elias. Deu um gritinho ao tentar esquivar-se ao carolo de Aya. — Por falar nisso, tenho as tuas luvas — acrescentou. — São muito mais bonitas do que as minhas.

— És do piorio — disse Aya meio a sério, ao sair da cama e sentindo o frio nas pernas nuas.

— Eu sei — disse Tova a sorrir.

4



Will tinha quase a certeza de que não chegaria ao fim do dia sem antes matar alguém.

A luz do sol da manhã passava através dos arcos que percorriam um dos lados do salão de entrada do Grande Palácio, fazendo o chão de pedra iluminar-se num tom cinzento-claro. Beliscou a cana do nariz. A *chaucholda* não tinha ajudado a acalmar a dor de cabeça permanente que se instalara por trás dos seus olhos.

Toda a noite. Tinha sido preciso toda a noite para fazer ceder os negociantes, e eles nem sequer tinham um pedacinho de poder. Supostamente, era um crime e um pecado usar um poder para magoar um humano, mas tinha-lhe sido sempre dada carta-branca para fazer o que fosse preciso em defesa do reino. Gianna garantia-o.

Há muito que deixara de rezar pelo perdão dos deuses por isso. Duvidava até que eles ouvissem alguém como ele.

Will respirou fundo, piscando os olhos quando Aya e Tova se aproximaram, como se fosse suficiente para se livrar da dor de cabeça. A general murmurou uma saudação e Aya manteve-se em silêncio, com o seu olhar gelado a varrê-lo de alto a baixo. Ele detestava quando ela olhava para ele assim, como se pudesse ver até à sua alma.

Ele devolveu o favor, percorrendo-a com o olhar.

Calças pretas de couro que lhe realçavam a curva das ancas, botas pretas resistentes e uma camisola preta com um decote, que era suficientemente profundo para revelar o volume dos seus pequenos seios. Tinha o espesso cabelo castanho-escuro arranjado num rabo-de-cavalo amarrado com um laço branco — um toque de inocência.

Uma ideia risível, se se acreditasse em Elias. O jovem nobre não fora capaz de manter a boca fechada na taberna, na semana anterior. Will tinha pensado em usar um pedacinho do seu poder para fazer cessar a sua tagarelíce e poder desfrutar da sua própria companhia em paz.

Não teria sido preciso mais. Pelo menos com um fracote como Elias.

Aya viu o descaramento no seu olhar e ele lançou-lhe um sorriso que, ele sabia, a faria ficar furiosa, enquanto percorriam o salão.

Ele adorava provocá-la.

Os aposentos privados de Gianna ficavam na ala oriental do palácio. As muralhas cinzentas e ásperas faziam com que parecesse que o castelo fazia parte da própria montanha. E pode ter feito, dada a forma como se aninhava no desfiladeiro montanhoso que dominava a cidade. As suas muitas janelas e arcos davam, a quem estivesse lá dentro, uma vista desimpedida sobre Dunmeaden, que se estendia até à bacia do porto. Quase se podia ver o lugar onde as águas do rio Loraine se tornavam no mar de Anath.

O palácio estava decorado com uma riqueza subtil. Havia quadros que representavam várias passagens do *Conoscenza* pendurados nas paredes, e fragmentos de prata e de ouro misturados em variadas estruturas de ferro.

— Estás terrivelmente calmo, William. Não dormiste bem? — provocou Tova, ao lado de Aya, quebrando por fim o silêncio.

— Alguns de nós, Tova, não têm o privilégio de ter um sono de beleza. Temos de trabalhar.

Ele não detestava completamente a general. Não eram certamente *amigos*, e ele pensava que teria de agradecer a Aya por isso. No entanto, a sua teimosia mútua também teria provavelmente culpa. Já tinha, de resto, conduzido a discussões que envolviam esmurrarem-se um ao outro em várias ocasiões.

E, na verdade, havia fogo a serpentear pelas pontas dos dedos de Tova enquanto sorria para ele, preparando-se para um desafio.

— Para com isso — murmurou Aya. Tinham chegado aos aposentos de Gianna. Acenou com a cabeça aos guardas.

— Desmancha-prazeres — sibilou a amiga. O fogo desapareceu no momento em que as portas duplas de carvalho se abriram.

Gianna estava sentada a uma mesa de vidro baixa e oval, no centro da sua sala de estar em forma de círculo, usando um longo vestido branco que era apenas um pouco mais claro do que a sua pele cor de nata. Cortinas brancas transparentes enquadravam as grandes janelas do lado esquerdo, que inundavam o compartimento com o sol da manhã. Todos puseram um joelho no chão, mas Gianna já os chamava para dentro.

— Venham e sentem-se — convidou, indicando a mesa coberta de bolos. — Sirvam-se.

Aya instalou-se no pequeno sofá onde se costumava sentar, em frente da rainha, e Will sentou-se junto a ela. Tova sentou-se numa maciça cadeira

de braços castanha, à direita deles. Gianna ofereceu chá enquanto eles se serviam de comida, como se estivessem entre iguais.

No início, Will não sabia o que pensar disso — da insistência de Gianna na informalidade. Mas adaptou-se. Tal como o reino se tinha adaptado quando a jovem rainha assumira o trono sete anos antes, depois de o rei ter sucumbido à doença. A altura ideal, na verdade, que os deuses tenham a sua alma em descanso. Porque, dois anos mais tarde, Will estava a treinar para os Dyminara e Gianna anunciava que iria criar a sua própria «Tríade».

Era precisamente onde era necessário que ele estivesse: próximo da sua rainha.

E foi exatamente onde ela o manteve.

Ela tinha 35 anos — era 12 anos mais velha do que Will. Mas isso não travou os rumores que o haviam acompanhado desde há anos. Boatos que diziam que a sua relação com Gianna não era somente como o seu Segundo, mas como sendo algo mais.

Não que a rainha tivesse falta de amantes. Era muito bela. O seu cabelo castanho-dourado parecia ter luz própria, especialmente quando lhe dava a luz do sol, como agora. E com as suas faces rosadas e suaves olhos castanhos, quase se poderia pensar que era delicada.

Mas ela era a líder do reino mais antigo de todas as terras, e uma posição dessas necessitava de ardileza, ambição e poder.

— Quais são as notícias? — perguntou Gianna, com um olhar de expectativa posto em Aya.

— É como vós suspeitáveis. Estão a encomendar armas sem conhecimento do Conselho. Os dois negociantes foram capturados, mas não havia sinais do fornecedor. Ronan não estava no seu posto.

Will observou Aya a falar. Não precisava do seu poder para saber que ela sentia uma onda de irritação. Tinha aprendido a ler-lhe o rosto há muito tempo. Era um tipo de desafio. «Os Olhos da Rainha»: calma, sem emoções, imperturbável.

Teimosa como os infernos, também.

Ele conhecia Aya suficientemente bem para saber que ela odiava falhar a Gianna.

— Passei em casa dele, mas nem sinal — atalhou Will. — Quando o encontrar, garantirei que ele receba um castigo apropriado pela sua ausência.

Gianna assentiu, com um rosto pensativo.

— E os negociantes? — perguntou.

— Não deram qualquer nome. Mas disseram que estavam a comprar em nome de Kakos.

Um silêncio, tenso e mortal, seguiu-se às suas palavras; só se ouvia o garfo de Gianna a tinir no seu prato.

Mesmo se Kakos ocupava o terço mais a sul do continente onde se encontravam, já tinha passado mais de uma década desde que alguém fizera comércio com esse reino meridional ostracizado. Desde que tinham começado os rumores. Diziam que em Kakos procuravam um modo de obter o poder em bruto que os Visya haviam tido antes da guerra. «Diaforaté», assim lhes chamaram os outros reinos.

A descoberta da tentativa de heresia por parte de Kakos amedrontou os outros reinos, e o falecido rei decretara um embargo que banira Kakos de todo e qualquer comércio. Fora talvez a única vez em que todas as terras se puseram de acordo numa ação a seguir.

Isso destruiu o Reino do Sul.

Will supunha que se esperava que acabasse como Chamen, o reino no extremo sul, cujo clima gelado e localização remota tornavam o comércio difícil e tinham atingido severamente a sua economia.

Mas se Kakos estava a adquirir armas... planeava alguma coisa. Vingança, se Will tivesse de adivinhar, pelos anos em que as outras terras os tinham deixado a definhar.

E não eram tão fracos como o reino tinha pensado.

Tova praguejou baixinho.

— Os mercadores estavam a comprar por ordem de Trahir? — perguntou Gianna, de modo acutilante.

— Disseram estar a trabalhar sozinhos, e senti que era verdade. — Uma dor atravessou Will, um simples sussurro da noite anterior, mas, ainda assim, visível. O seu rosto manteve-se calmo. — Vamos querer confirmação do fornecedor das armas, é claro, mas...

Não precisou de terminar. Todos sabiam que ele tinha uma forma particular de arrancar a verdade àqueles que se atreviam a mentir na sua presença.

— Não disseram muito mais. Foi necessário toda a noite só para esta informação.

E ainda não tinha obtido o que queria.

Forçara até terem quase quebrado completamente, e mesmo aí tinha pensado em acabar com eles de uma vez por todas. Mas Gianna proibira-o

expressamente, e a confiança que ela depositava nele dependia da sua obediência.

Uma confiança que ele não podia perder; não agora, quando Kakos se tinha começado a mexer.

Tova aclarou a voz. — E quanto aos outros mercadores de Trahir que estão em Dunmeaden? Não são apenas aqueles dois. Há um exército inteiro deles aqui para o fecho da temporada de comércio.

Gianna desviou o olhar do ponto que fixara, para fora da janela, com os lábios cerrados. — Não os podemos atacar. Sobretudo se aqueles dois atuavam sozinhos. Se atuavam, e agirmos contra os outros, Trahir podia encarar isso como uma razão para a guerra.

— Então vamos para a guerra. — Os olhos cor de avelã de Tova brilhavam, como se chamas dançassem dentro deles. — O nosso exército é forte que chegue para enfrentar esta batalha, em especial se atacarmos primeiro.

— E o que dirias aos cidadãos de Tala? — retorquiu Gianna. — Uma guerra com Trahir atingiria a nossa fonte de comida. Sem tempo para nos prepararmos e sem aliados a apoiar-nos, não sobreviveríamos ao inverno.

O Ventaleh uivou do lado de fora da janela, como se concordasse.

As relações com Trahir sempre tinham sido frágeis. Eram aliados, julgava Will, mas apenas nominalmente. O reino ocidental era de longe o mais rico e o mais poderoso, e tinha desde há muito mostrado a sua posição de poder em relação a Tala, fosse na profundidade dos seus cofres, nos seus aparentemente intermináveis abastecimentos de comida ou no tamanho dos seus exércitos — tudo moedas de troca avançadas pelo Conselho Mercantil de Trahir para conseguir melhores acordos comerciais que lhes enchiam os bolsos.

Um ataque impulsivo contra os seus mercadores de passagem poderia realmente significar a guerra... e seria uma guerra em que eles lutariam sozinhos. Will duvidava que Milsaio, o reino de quatro ilhas situado entre Trahir e Tala, fosse querer atravessar o inverno sem a ajuda do mais poderoso dos reinos. E as Midlands não iriam seguramente apoiar — quando já eram um tampão entre Tala e Kakos. A sua vizinhança ao reino ostracizado já os prejudicava que chegasse.

Estariam mortos antes da primavera. O inverno era uma estação muito dura no Norte, e o comércio com Trahir era a única coisa que os impedia de ficar para trás.

Tova atirou o *scone* que segurava para o seu prato. — É nos cidadãos de

Tala em quem eu estou a pensar. Se deixarmos Trahir comprar armas para Kakos não haverá cidadãos para alimentar. Se vós pensais...

— Basta. — interrompeu Gianna. — Não agiremos sem ter a confirmação de que aqueles dois atuaram sozinhos. Trahir é nosso aliado. Não vou tirar conclusões precipitadas e pôr em risco a paz com que os deuses nos abençoaram durante séculos. Além disso, estavam no *meu* reino à procura de armas. E há um fornecedor em Tala que simpatiza com Kakos. Não vamos ser imprudentes, Tova.

Will reparou no maxilar de Tova a endurecer, mas ela anuiu. Por mais audaz que fosse, Tova não iria desautorizar a sua rainha.

— Por agora — continuou Gianna, virando-se para Will — notifica a corte de Trahir de que prendemos dois dos seus negociantes e que eles serão acusados dos seus crimes. E leva o resto dos mercadores em visita a jantar. Certamente ficarão abalados ao ouvir as notícias. Garante-lhes que não lhes queremos mal.

Will quase escarneceu. Como se um bom jantar pudesse aliviar aquilo que Gianna planeava fazer aos dois colegas deles.

— Dominic procurará uma retribuição através dos acordos pendentes, majestade — murmurou Will. Deveria estar em Rinnia, a capital de Trahir, daí a poucas semanas, para acertar os detalhes de acordos comerciais com o Conselho de Trahir. Não tinha dúvidas de que os meses que tinha passado a planear seriam deitados fora assim que o rei recebesse a sua carta. Dominic era orgulhoso e arrogante, e iria seguramente olhar para este incidente como um golpe ao seu frágil ego e uma forma perfeita para encher os bolsos de Trahir, modificando os termos dos acordos em seu benefício.

Will conhecia intimamente a ganância dos mercadores. Tinha sido criado por um, no fim de contas. Era exatamente a jogada que o seu pai faria. Procurar uma fraqueza e explorá-la.

— Não duvido de que este incidente com os negociantes irá causar tensões com Dominic — suspirou Gianna —, mas seria uma idiota se os deixasse ir em liberdade. Confio em ti para suavizares a situação em nome do nosso Conselho.

Will baixou a cabeça, em consentimento. Estava habituado a acalmar ânimos e a bajular egos.

Os olhos de Gianna viraram-se para a sua Terceira.

Aya tinha estado silenciosa durante a conversa, mas Will sabia muito bem que estava a analisar todos os bocadinhos de informação dentro da

cabeça dela. Aya era especialista em esperar, em observar e calcular, e depois agir no momento certo.

— Quero saber quem em Dunmeaden está a vender armas ao reino que ameaça a paz — ordenou Gianna.

Os lábios de Aya formaram um pequeno e frio sorriso. Will reconheceu a luz nos olhos azuis dela.

Um predador solto atrás da sua presa.

— Considerai que está feito — foi tudo o que ela disse.